

Era uma vez Ninguém
e ninguém mais.

Ninguém estava sozinho.

Ninguém não estava só sozinho.
Ninguém também não tinha
com o que brincar,
e nenhum lugar
para ir.

Uma maravilhosa história de amor
sobre o começo de tudo.



hedra
educação

101

Bart Mertens Benjamin Leroy

Ninguém e eu

Ninguém e eu

Tradução • Jorge Sallum

hedra
educação

Meu baú de cordéis

Klévisson Viana

Sumário

1 Sobre o livro	2
2 Sobre o autor	3
3 Sobre o gênero “cordel”	4
4 Atividades	6
4.1 Pré-leitura	6
4.1.1 Atividade 1	6
4.1.2 Atividade 2	7
4.2 Leitura	8
4.2.1 Atividade 1	8
4.2.2 Atividade 2	9
4.2.3 Atividade 3	9
4.2.4 Atividade 4	10
4.3 Pós-leitura	11
4.3.1 Atividade 1	11
4.3.2 Atividade 2	13
4.3.3 Atividade 3	14
5 Sugestões de referências complementares	15
5.1 Músicas	15
5.2 Filme	16
5.3 Artigos	16

Carta ao professor

Gostaríamos de apresentar a obra *Meu baú de cordéis*, do autor, editor, tipógrafo cearense Klévisson Vianna, autor conhecido pelo manejo dos gêneros verbo-visuais do cordel e das histórias em quadrinhos.



OBRAS
978-65-88934-09-8 (ESTUDANTE)
978-65-88934-07-4 (PROFESSOR)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jorge Sallum
Suzana Salama
Felipe Musetti

EDIÇÃO

Paulo Henrique Pompermaier
Renier Silva

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Ana Lancman
Nathalia Tomaz

DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO

EdLab Press

LICENÇAS

CC-BY-NC 3.0 BR

ESTUDIO MADALENA PRODUÇÕES

FOTOGRÁFICAS

Rua Madalena, 164 e 158 • 05433-090

São Paulo SP
55 11 983217383

editoramadalentalda@gmail.com

Neste livro, você encontrará uma gama de possibilidades para trabalhar em sala de aula. O primeiro poema do livro, o “ABC do cordel”, apresenta, em forma de acróstico,¹ as principais características do gênero cordelístico, além de seus principais autores, as diferenças em relação a outros “gêneros irmãos”, como o repente, dentre outras informações, sempre guiadas por uma métrica e ritmo definidos, características do gênero mas impecavelmente executados pelo poeta. Destacamos uma atividade de leitura inicial que conteñe este poema, afim de usar didaticamente o texto do próprio autor.

Antes de iniciar a leitura dos poemas em si, que deverá ser oral e em conjunto, para fazer jus ao gênero, propomos que os alunos sejam sensibilizados ou que retomem um conhecimento prévio das expressões da cultura oral, que em uns deve aparecer de formas diferentes em decorrência de suas origens familiares — para aqueles que provêm de regiões mais rurais, o tipo de oralidade deve se aproximar mais da canção tradicional, já para os que provêm das áreas urbanas, outras formas de linguagem oral pode ser mais predominante, como as expressões do *hip hop*, por exemplo.

Por fim, propomos que, após a leitura do livro em sala de aula, o professor ou a professora instigue os alunos a se apropriar da linguagem, tanto visual, com as ilustrações, quanto verbal, com os versos em si. Ao fim do trabalho com o livro, esperamos que os alunos percebam a proximidade destes gêneros verbo-visuais da vida quotidiana e a possibilidade de serem utilizados não só pelos grandes poetas consagrados, mas também por eles!

Esperamos, professor ou professora, que este material sirva como um guia para seu trabalho em sala de aula. Já contamos, no entanto, com as adaptações que surgirão organicamente na recepção do mesmo por vocês, que possuem trajetórias e escolhas didáticas específicas, bem como no contato com os alunos, que tanto têm a oferecer para o enriquecimento da experiência didática.

Boa aula!

1 Sobre o livro

O livro *Meu baú de cordéis* é uma reunião de poemas escritos por Klévisson Viana. Nesta coletânea poética, Klévisson mostra um leque variado de poemas na tradição cordelística, desde biografias até pequenas anedotas engracadas, desde reflexões sobre a vida até fantasias sobre mundos maravilhosos. Klévisson revisita o “País de São

¹Composição poética em que cada verso principia por uma das letras da palavra que lhe serve de tema; Tipo de texto em que as primeiras letras de cada linha ou parágrafo formam verticalmente uma ou mais palavras.

Saruê” criado por Manuel Camilo dos Santos;² reconta histórias impagáveis de como Lampião tirou um espinho de um pé alheio ou um cavalo que bebeu cerveja num balcão; descreve de maneira emocionada a chegada no céu de seu irmão, o grande e saudoso Arievaldo Vianna; conta aventuras fantásticas que vão desde o sertão nordestino às cidades mexicanas.

2 Sobre o autor

Klévisson Viana Klévisson Viana (Antônio Clévisson Viana Lima) é escritor, cordelista, roteirista, cartunista, xilogravador, editor e presidente da AESTROFE – Associação de Escritores, Trovadores e Folheteiros do Estado do Ceará. É também membro da ABLC – Academia Brasileira de Literatura de Cordel (RJ). Coordena o projeto editorial da Tupynanquim Editora, na qual já publicou cerca de mil obras de quase uma centena de autores.

Como autor, Klévisson Viana publicou mais de 30 livros e quase 200 folhetos de Literatura de Cordel. Seus trabalhos fluíram pelos quadrinhos, pela televisão e por adaptações para o teatro. Destaca-se o folheto *A quenga e o delegado*, transformado em episódio da série Brava Gente da Rede Globo. Tem trabalhos publicados em diversas editoras nacionais e internacionais como Chandigne – Paris (FR), Editora Leya – Lisboa (PT), Editora Hedra – São Paulo (BR), Nova Alexandria – São Paulo (BR), Editora Demócrito Rocha – Ceará (BR), Editora Amarilys – São Paulo (BR), Edelbra – Porto Alegre (BR), Nova Alexandria – São Paulo (BR), dentre outras. Tem outras obras publicadas em antologias na Turquia, Israel, Bélgica, Itália e Holanda.

Dentre sua extensa obra podemos encontrar os livros *Sertão menino*, de 2008, *Abecedário dos bichos*, de 2013, *O Guarani em cordel*, de 2013, e *Miolo da rapadura*, de 2017; os álbuns em quadrinhos *O mundo do Cajulino*, de 1993, *Lampião... Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida*, de 1999, *Admirável riso novo*, de 2004, e *O cangaceiro do futuro e o jumento espacial*, de 2017; e os folhetos de cordel *A chegada de Ariano Suassuna no céu*, *Carta de um jumento a Jô So-*

² Manuel Camilo dos Santos (Guarabira, 9 de junho de 1905 — Rio de Janeiro, 9 de abril de 1987) foi um escritor, poeta popular, violeiro, repentista, horóscopista, comerciante e compositor brasileiro. Atuou como ambulante, marceneiro e, em 1942, fundou, em Guarabira, uma pequena tipografia de nome “Tipografia e Folhetaria Santos”, transferida mais tarde para a cidade de Campina Grande em 1957, que imprimia folhetos no gênero literatura de cordel. https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Camilo_dos_Santos(21/11/2021).

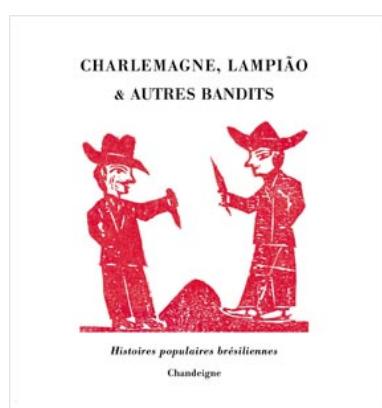


Figura 1: Edição francesa de um livro em cordel de Klévisson Viana.

ares, *Cinco anos do São Paulo capital do Nordeste*, *A triste partida de Patativa do Assaré*, *O cordelista na França*, e *Seu Lunga – o homem mais zangado do mundo*, volumes I, II e III.

Seu currículo consta de diversos prêmios importantes. Foi vencedor seis vezes consecutivas do PNBE — Programa Nacional da Biblioteca Escolar (MEC), três vezes do Troféu HQ Mix, uma vez do PNAIC — Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (MEC) e “Prêmio Jabuti de Literatura” concedido anualmente pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), dentre outros.

Klévisson Viana coordena eventos culturais, ministra palestras, oficinas e recitais em todo o Brasil e já levou sua arte a países como França, Portugal, México, Cabo Verde e Costa Rica.

3 Sobre o gênero “cordel”

Alguns estudiosos defendem que o termo *cordel* venha de Portugal, onde os *folhetos* eram vendidos em feiras pendurados em barbantes, em cordões que se chamavam cordéis. Já para outros, o cordel era assim chamado porque as brochuras eram encadernados com barbantes. No Brasil, porém, não se falava em cordel. Somente a partir dos anos 1960, com a persistência dos pesquisadores europeus pelo nome, os poetas passaram a ser chamados de cordelistas. Para o público mais popular, no entanto, ele continua sendo chamado de *romance e folheto*.

Chama-se cordel as histórias curtas em versos rimados de personagens lendárias impressas em cadernos, geralmente artesanais, com ilustrações feitas sob a técnica da xilogravura, e comercializadas originalmente em feiras livres do Nordeste do Brasil. Sua origem remete às cantigas portuguesas medievais trazidas pelos colonos. O cordel não tem nem um limite nem uma receita pronta. É o verso da nossa tradição popular brasileira. Hoje, os autores do gênero sentem-se à vontade para falar de qualquer assunto, abordar qualquer temática e refletir sobre o mundo do nosso tempo. Como diz o próprio autor:

“Não há um só grande acontecimento local, nacional, ou mesmo mundial que não tenha sido tratado pela literatura de cordel. O folheto mostra a realidade, mais do que os grandes meios de comunicação, porque não é atrelado a coisa alguma. É independente e é a opinião do autor. Não tem interesse em grupos econômicos, nem tem patrocinadores. Por isso, critica e aborda,

como nenhum outro meio. Sendo honesto em suas abordagens, é natural que o cordel se sinta ameaçado — da mesma forma que a televisão e o rádio ameaçaram o jornal impresso.”³

O cordel aqui em questão carrega influências de outro gênero literário, também verbo-visual: a história em quadrinhos, ou HQ. A HQ é um gênero que trabalha ao mesmo tempo a linguagem verbal e a visual, portanto trata-se de uma **narrativa gráfica**. Não há uma hierarquia entre o texto e a ilustração: nem o texto é mera legenda da imagem, nem a imagem, mera ilustração do texto; são dois elementos de uma mesma obra, que deve ser lida como um todo.

Ambas as formas literárias exercitam a imaginação e a criatividade das crianças e dos jovens quando bem utilizadas. Podem servir de reforço à leitura e constituem uma linguagem altamente dinâmica. São linguagens que, ainda que de uma origem longínqua, são adequadas à nossa era devido à fluidez, à intensidade e sobretudo à abertura à inovação que lhes constitui.

A xilogravura Tanto o cordel quanto as histórias em quadrinhos têm algo em comum: a presença de imagens. Ao se pensar em cordel, logo se pensa em *xilogravura*, mas a xilogravura não surgiu com a literatura de cordel. Ela começou a fazer parte dos folhetos a partir da década de 1950. Tradicionalmente, trata-se de uma matriz de madeira que imita um clichê de chumbo. O clichê em si já é uma imitação da xilogravura, **uma técnica milenar dos egípcios e chineses**: recorta-se uma figura em relevo sobre uma madeira. A figura em relevo imprime, como um carimbo sobre um papel em branco, e as partes cortadas são os sulcos onde a tinta não aparece.

A xilogravura entrou na vida da literatura de cordel como uma alternativa ao poeta sem recursos para ilustrar a capa de um folheto. Ela passou a compor a estrutura do folheto, embora o público não tenha se identificado de imediato. Hoje, se por um lado o público intelectual que gosta de folheto, o estudioso ou o turista que compra o folheto como uma curiosidade, prefere a capa com a xilogravura, o público mais tradicional prefere a capa com desenhos, fotografias. Os autores e editores tentam sempre agradar a todos, trabalhando tanto com a xilogravura como com desenhos, figuras, etc.

³“Klévisson Viana — Cordel para os intelectuais e folheto para o povo.” Entrevista para o jornal *A nova democracia*, ano 1, nº 8, abril de 2003.

4 Atividades

4.1 Pré-leitura

4.1.1 Atividade 1

Tema Ouvindo o cordel.

Conteúdo Audição de gravações autênticas de cordel, repente e canções nordestinas.

Justificativa Visto que um dos principais elementos que constituem o gênero do cordel é a **oralidade**, sugerimos ao professor ou à professora que inicie o trabalho com uma introdução a este tema com os alunos. Ainda que o cordel, folheto, ou romance — outras nomes que ele recebe — não *precise ser performado*, é comum que isso aconteça em eventos como as feiras de cordéis, ou, mais tradicionalmente, nas feiras abertas das cidades do interior onde eles eram comercializados. Nesta ocasião, o cordelista, responsável pela escrita, ilustração e venda do folheto, também cuidava da etapa de reprodução do trabalho.

Há outro gênero, que podemos chamar de *irmão do cordel*, onde a *performance* não é facultativa, mas o seu meio de divulgação e mesmo de produção. O **repente**, popular nas mesmas regiões que o cordel, é baseado no improviso cantado alternado por dois cantores. Não se trata, como no cordel, necessariamente de uma narrativa; diversos assuntos podem surgir numa toada de repente, sendo as mais comuns as invectivas entre os dois violeiros. Um elemento que, no entanto, aproxima os dois gêneros, e justifica esta atividade, é o fato de que, bem como no cordel, todos os versos do repente são obrigatoriamente **rimados**, o que lhe garante uma forte musicalidade.

Metodologia O professor ou a professora deve executar algumas faixas do antológico álbum **Nordeste: Cordel, Repente e Canção**⁴, de 1975, que reúne exemplares da poesia oral nordestina em forma de repente e cordel. Durante a audição, pergunte aos alunos se algo lhes soa familiar:

- Vocês já ouviram alguma vez algo como isso?
- Se sim, em que ocasião?

⁴<https://www.youtube.com/watch?v=wS6jzcZcc6U>
Acessado em 21/11/2021.

- Quais são os instrumentos que eles usam?

Tempo estimado Duas aulas de cinquenta minutos.

4.1.2 Atividade 2

Tema Tradição oral como meio de transmissão de valores.

Conteúdo Aula expositiva acerca do tema acima exposto.

Justificativa Há culturas no Brasil e no mundo onde os principais valores fundadores da sociedade não são transmitidos por um livro sagrado, como a Bíblia, para os cristãos, o Torá, para os judeus, ou o Alcorão, para os muçulmanos. Povos indígenas brasileiros como os Guarani guardam e transmitem uma sabedoria milenar por meio de cantos sagrados chamados *guahu*. Para os povos da tradição de Ifá, no Oeste africano, e seus descendentes no Brasil, os *itás* são histórias sagradas que são consultadas por meio de um sacerdote para solucionar problemas quotidianos da comunidade. Esses *itás* também são, tradicionalmente, passados de sacerdote a sacerdote por via oral. Também no Oeste africano, há a figura do *griot*, cantador e contador de histórias em praças públicas.

Justificativa A métrica acompanha toda expressão poética, em versos ou oral. O seu estudo é imprescindível para a melhor fruição estética dos poemas, bem como para o exercício poético em si.

Metodologia O professor ou professora pode aproveitar o ensejo do trabalho com o cordel e apresentar, caso ainda não seja um conteúdo dado, ou revisar as diferentes métricas que um poema pode ter.

A redondilha menor, com cinco sílabas poéticas, e a redondilha maior, com sete, são os mais comuns na poesia popular. Já os decassílabos, com dez, e os alexandrinos, com doze sílabas poéticas, estão presentes nos clássicos como as epopeias de Homero e de Camões. Os versos livres, aqueles que não apresentam uma padronização métrica, ganharam evidência no Ocidente com as escolas modernistas do começo do século xx.

Escolha um cordel do livro e peça que os alunos indiquem a metrificação dos versos. Este procedimento se chama *escansão*.

Tempo estimado Duas aulas de cinquenta minutos.

4.2.4 Atividade 4

BNCC

3

Língua Portuguesa

EF35LP29

Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.

Tema Lendo nas entrelinhas do poema.

Conteúdo Discussão em sala de aula a partir do poema “A metade da vida”.

Justificativa A fim de inferir a presença de valores sociais, culturais e de diferentes pontos de vista sobre o mundo em textos literários, é importante que os alunos reconheçam que as obras possibilitam que se estabeleça múltiplos olhares sobre identidades, sociedades e culturas, sempre a partir da autoria e do contexto sócio-histórico da produção.

Metodologia Acerca da história “A metade da vida”, faça as seguintes perguntas à turma:

- Qual o principal tema tratado neste cordel?
- Qual a ironia na fala final do velho barqueiro?

Caso necessário, explique do que se trata a figura de linguagem *ironia* e aproveite o exemplo do cordel para ilustrá-la.

Depois, acerca das “Bravuras de dois vaqueiros e o lobisomem fantasma”, pergunte aos alunos **quais elementos de outras histórias conhecidas no imaginário popular podemos encontrar dentro deste cordel?** Caso eles tenham dificuldade, chame a atenção a lugares-comuns como a **dona presa num castelo à espera de um cavaleiro, com quem se casará no final, um cavaleiro que derrota um monstro/dragão, o ouro, no final da aventura, como recompensa pela salvação da donzela e da morte do monstro** etc.

Tempo estimado Duas aulas de cinquenta minutos.

4.3 Pós-leitura

4.3.1 Atividade 1

Tema Oficina de xilogravura.

Conteúdo Oferecer aparatos acessíveis ao quotidiano das salas de aula do Brasil para a produção de ilustrações seguindo a base da xilogravura.

Justificativa O termo *xilogravura* significa, literalmente, “gravura feita em madeira”. Isto porque os gravuristas especializados nesta técnica entalham, com o auxílio de um **formão**, desenhos e escrutas sobre uma placa de madeira. Criam, assim, um molde que, coberto de tinta, em geral preta, será usado para a reprodução do desenho ou escritura repetidas vezes. Este é o processo dos folhetos de cordel que têm as tradicionais ilustrações feitas com a técnica da xilogravura.

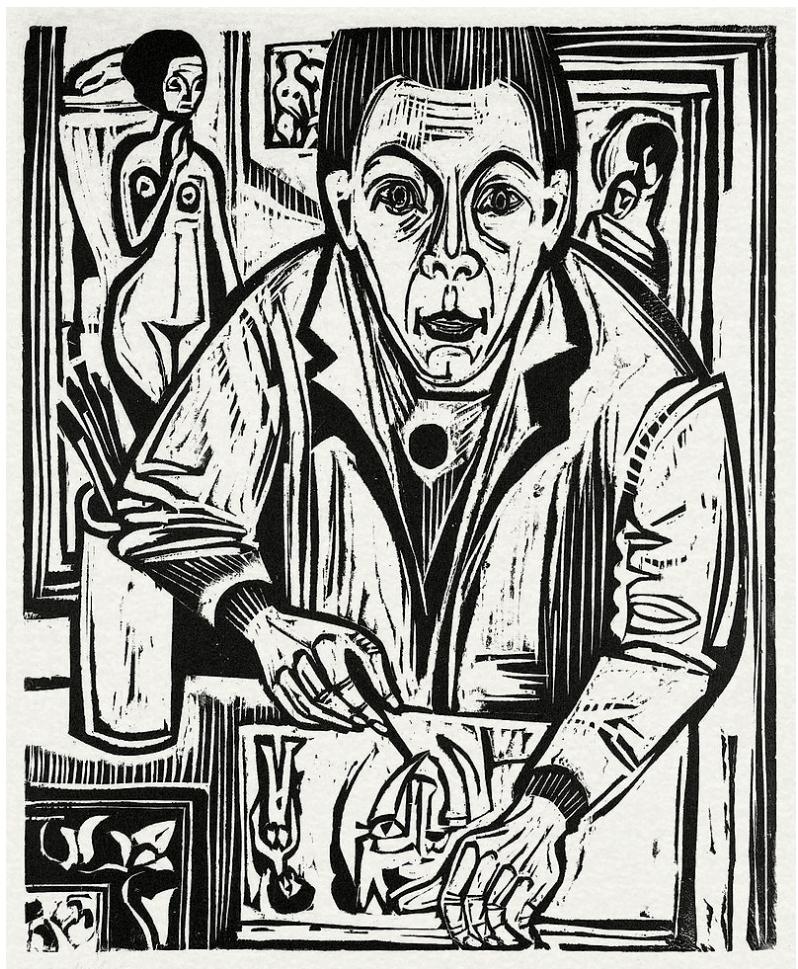


Figura 8: Exemplo de xilogravura.(CC-BY-2.0)

Metodologia Como para o contexto da sala de aula este procedimento pode não ser tão acessível por conta dos materiais — formão, goiva, rolo, placa de linóleo... —, propomos que o professor ou professora, com o auxílio do professora ou professora de Artes, desenvolva uma atividade de ilustração utilizando objetos mais próximos, como o **isopor** presente em embalagens, que pode ser reutilizado. Neste caso, não se tratará de uma xilogravura mas de uma *isogravura*. Sugerimos [um vídeo didático⁵](#) acerca da técnica. O professor ou professora deve lembrar aos alunos que os resultados da produção serão utilizados na atividade seguinte, que é a criação de um cordel inteiro.

Tempo estimado Duas aulas de cinquenta minutos.

4.3.2 Atividade 2

Tema Oficina de escrita de cordel.

BNCC

4

Língua Portuguesa

EF35LP25

Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descriptivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.

BNCC

5

Arte

EF15AR04

Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

BNCC

6

Arte

EF15AR05

Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

Conteúdo Adaptação para a estrutura do cordel de uma história conhecida.

⁵<https://www.youtube.com/watch?v=8sq9Qq-wrls>
Acessado em 21/11/2021.

Justificativa O cordel é antes de tudo uma **forma** de contar uma história. Em sua origem, graças à forte presença da oralidade e da musicalidade em sua composição e a consequente facilidade em sua circulação, muitas histórias importantes passaram a ser documentadas desta forma. Em certo momento, nos interiores do país, os cordéis tornaram-se mais importantes mesmo que a imprensa oficial enquanto meio de divulgação de notícias para a população. Visto isso, é imprescindível que, após a experiência com a leitura dos cordéis deste livro os alunos e alunas experimentem agora a **produção** dos mesmos, sobretudo no que diz respeito à característica de adaptação de uma história já conhecida à sua forma, como se percebe em algumas partes da obra.

Metodologia Seguindo o exemplo do cordel “Bravuras de dois vaqueiros e o lobisomem fantasma”, que utiliza elementos comuns ao universo das lendas, os alunos podem fazer uma adaptação para o cordel de uma história de sua escolha. Releia o poema, chamando a atenção aos **elementos de outras histórias conhecidas no imaginário popular que podemos encontrar dentro deste cordel**. Caso eles tenham dificuldade, chame a atenção a lugares-comuns como **a donzela presa num castelo à espera de um cavaleiro, com quem se casará no final, um cavaleiro que derrota um monstro/dragão, o ouro, no final da aventura, como recompensa pela salvação da donzela e da morte do monstro etc.**

Para o exercício autoral, dê sugestões de narrativas conhecidas como as dos super-heróis do cinema, as das lendas do folclore nacional e estrangeiro, ou mesmo eventos quotidianos de alcance nacional: um evento esportivo marcante, uma manchete do noticiário etc.

Tempo estimado Quatro aulas de cinquenta minutos.

4.3.3 Atividade 3

BNCC

7

Arte

EF15AR06

Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

Tema Feira de cordéis.



Figura 9: Klévisson Viana performando numa feira de cordéis na França.(Arquivo do site do autor.)

Conteúdo Organização de uma feira de cordéis seguindo o modelo tradicional.

Justificativa Após o trabalho individual dos alunos ou dos grupos, é importante que haja uma interação entre a turma onde os envolvidos deverão compartilhar impressões e apreciações acerca das obras.

Metodologia Após a realização dos cordéis em quadrinhos, o professor ou a professora deve animar a realização de uma feira de cordéis seguindo os moldes tradicionais: os livretos pendurados em varais. Neste caso, a exposição pode ser feita em uma área comum da escola para o acesso de outros alunos de outras turmas. Outra opção é expor o resultado na Festa Junina da escola, para que não só a comunidade escolar, mas também os familiares e vizinhos possam usufruir seus trabalhos.

Tempo estimado Duas aulas de 50 minutos.

5 Sugestões de referências complementares

5.1 Músicas

- “Perseguição”, de Sérgio Ricardo.

Trilha sonora do filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glau-
ber Rocha. Um trecho da música é citado por uma das crian-
ças que brincam de cangaço enquanto os mais velhos contam
a história da última batalha de Lampião.

- Álbum musical Nordeste: *Cordel, Repente, Canção*⁶.

5.2 Filme

- *Nordeste: Cordel, Repente, Canção*⁷.

5.3 Artigos

- “Multiculturalismo e suas aplicações na educação”⁸.

A atualidade educacional é um espelho da ausência de mode-
los, de referenciais que antes balizavam a sociedade brasileira.
Em educação, vivenciar o multiculturalismo e a inserção das
tecnologias vem se transformando em desafio à prática pe-
dagógica. O currículo escolar representa um grande esforço
para trabalhar com a diversidade cultural, a mensagem ge-
rada pela indústria cultural e a aquisição de conhecimentos e
informações. Este texto apresenta uma problematização re-
lacionada à temática do currículo escolar a partir do recorte
cultural e social.

- “Textos orais e textura oral”, “Literatura oral e oralidade es-
crita”, “A literatura africana e a questão da língua”, “Estilo
oral”, “A palavra na sabedoria banto”, “O significado da lite-
ratura em culturas orais”. Ver Site Letras da Universidade de
Minas Gerais⁹.

⁶<https://www.youtube.com/watch?v=wS6jzcZcc6U>

Acessado em 21/11/2021.

⁷<https://www.youtube.com/watch?v=xFOZxwBcUmo>

Acessado em 21/11/2021.

⁸educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/1/multiculturalismo-e-suas-implicacoes-na-educao

Acessado em 21/11/2021.

⁹letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/A%20tradi%C3%A7%C3%A3o%20oral_diagramado_16jun2016.pdf

Acessado em 21/11/2021.

Nesse tipo de comunicação, o suporte da transmissão de experiência de A a B é a fala. No plano individual, a comunicação oral se elabora a partir das limitações impostas pela presença do interlocutor. A pronúncia, suporte material, resultará de um equilíbrio constante, a ser assegurado, entre uma interlocução cuidada — exigida pelo esforço de compreensão, no nível do ouvinte — uma elocução relaxada, determinada pela lei do menor esforço.

- “A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas”¹⁰.

Este trabalho é fruto da pesquisa que se iniciou com o estudo de especialização em literatura infanto-juvenil “sobre as histórias que se contam para as crianças” na Universidade de São Paulo-USP. O conto da tradição de transmissão oral é a forma primitiva da arte de dizer. A tradição perpetuou essas narrativas como uma forma de ensinamentos transmitidos oralmente. Sua idade perde-se na poeira dos tempos, como diziam os poetas, e seu *lócus nascendi* ninguém sabe, ninguém viu.

¹⁰ pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542013000100004 Acessado em 21/11/2021.